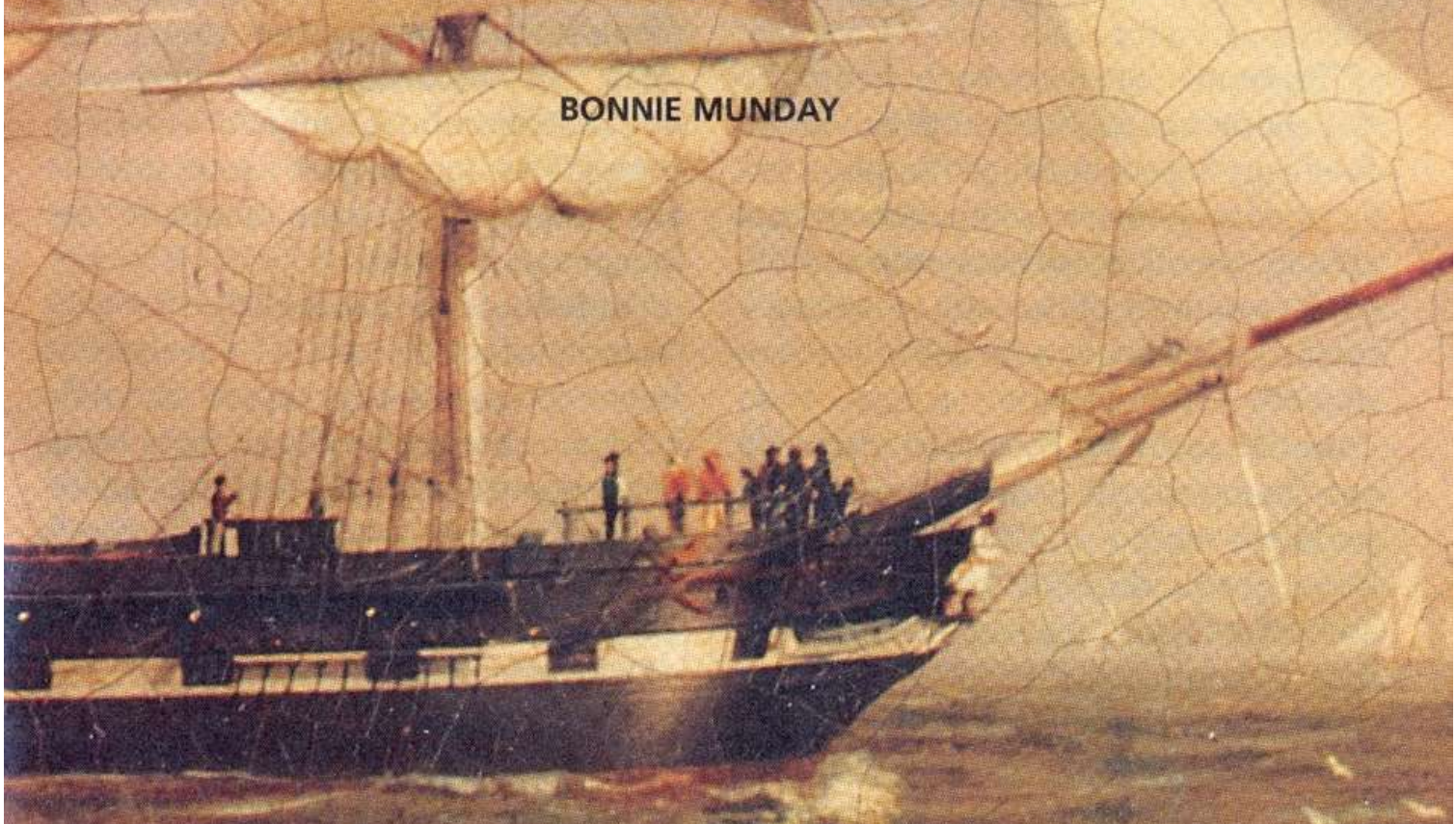


Busca de toda uma vida

Desesperado, no limite do prazo e dos últimos recursos, Dorian precisava encontrar logo Diana – ou aceitar a derrota

BONNIE MUNDAY



ONDAS BATIAM suavemente no *Seawolf* enquanto o barco deslizava no Estreito de Malaca ao sabor da corrente. *Ela tem de estar ali*, pensava Dorian Ball às 2 horas da madrugada, quando terminava o jantar no convés.

Naquele quente dia 21 de dezembro de 1993, encontrava-se à beira do desespero. Durante seis anos procurara *Diana*, embarcação mercante britânica carregada

com porcelana chinesa que naufragara em 1817. Conduzira uma pesquisa após a outra, esgotara as economias e comprometera o futuro da família. Investidores e tripulação haviam chegado e partido. Seus recursos, paciência e confiança estavam praticamente esgotados. Se não encontrasse logo a embarcação, seria forçado a admitir o fracasso.

Ergueu-se e, depois de pedir a Ramli, o capitão, que ligasse os motores, desceu para a sala do computador. *Vamos lá, Ball*, ordenou a si mesmo. *Encontre logo esse navio naufragado.*

DORIAN SEMPRE fora fascinado por navios. Crescera na África do Sul e em Moçambique – onde o pai trabalhara como executivo na área de petróleo – observando tripulações enquanto efetuavam o carregamento de zinco, carvão e frutas, e sonhando com aventuras no mar. Durante as férias, longe do internato em Joannesburgo, dedicava grande parte do tempo praticando mergulho livre, revelando excelente habilidade para encontrar objetos no fundo do mar. Quando saiu da escola, alistou-se na Marinha da África do Sul.

Sobressaiu-se nos cursos, demonstrando criatividade como marinheiro. Certa vez, em exercício de atracação, um vento forte empurrou a popa para fora. Em vez de recomeçar, Dorian aproveitou o vento e atracou a embarcação ao contrário. Embora o primeiro-tenente houvesse gritado “deixe de brincadeiras!”, a manobra “ao contrário” foi acrescentada a partir de então ao exercício.

No momento em que a vida no mar parecia prestes a realizar-se, não passou no teste de visão para cores e perderam baixa. Foi um golpe esmagador. Os pais insistiram para que continuasse a estudar. Entretanto, após dois anos de faculdade, Dorian perdeu o interesse e desistiu.

Resignado à sua sorte, trabalhou durante dez anos como programador de computador em Joannesburgo e Londres. No tempo livre, lia livros sobre o mar, imaginando se algum dia retornaria à vida marítima. Aos 32 anos, após o casamento fracassado, abandonou o emprego e rumou para a Ásia, em busca de novo começo. No vôo de Colombo a Cingapura, ao contemplar as longínquas águas cristalinas pela janela, o velho dilema fez balançar seu coração.

Imbuiu-se de nova determinação. Viveria uma aventura no mar – se não havia sido possível na superfície, então seria em suas profundezas. Lera livros sobre naufrágios históricos em número suficiente para saber que o fundo do mar abrigava abundantes riquezas. Depois de aprender sobre a atividade de resgate, partiria em busca do próprio naufrágio.

Em Cingapura fez alguns trabalhos de resgate, recebendo baixa remuneração. Em nove meses concluiu o curso de mergulhador autônomo e aprendeu noções básicas sobre pesquisas oceânicas. Precisando de dinheiro, conseguiu emprego como mergulhador nos finais de semana. Foi num mergulho em naufrágio que conheceu Deirdre, americana de 27 anos, executiva na área de computadores. Casa-

ram-se em dezembro de 1983. Certa noite, meses mais tarde, conversaram a respeito daquele sonho de se tornar resgatador.

– Dorian, largue seu emprego e vá em frente – aconselhou Deirdre. – Ganho o suficiente para nos manter.

Ela admirava o entusiasmo do marido e acreditava que, com seu treinamento na Marinha e aptidão para encontrar objetos nos mergulhos, poderia ter êxito. Tomando-lhe as mãos, argumentou:

– Qual o sentido de ter um sonho se não vai atrás dele?

– Acho que sou o homem mais sortudo do mundo – disse Dorian, abraçando-a. – Será a nossa aventura.

Obteve colocação como mergulhador “a risco” com o resgatador Michael Hatcher, e fez parte da tripulação que encontrou a embarcação holandesa *Geldermalsen*, da Companhia das Índias Ocidentais. Seu quinhão, dos 15,25 milhões de dólares apurados no leilão do carregamento de porcelana e ouro, correspondeu a 185 mil dólares.

COM O OBJETIVO de estabelecer reputação e conseguir capital para a própria operação, Dorian planejava estudar um naufrágio com boas probabilidades, e então vender a idéia. Passou 16 meses pesquisando cuidadosamente registros de navios, cartas marítimas e manifestos de carga em bibliotecas de Cingapura e da Grã-Bretanha.

Decidiu-se por *Diana*, embarcação despojada, de três mastros, construída na Índia em 1812. No dia 5 de março de

1817, o malfadado barco, carregado com porcelana chinesa, rumava a Madras pelo Estreito de Malaca, faixa de 800 quilômetros de comprimento entre a Península da Malásia e Sumatra – a rota mais curta entre a Índia e a China.

No extremo sul do estreito, não longe do dinâmico porto de Malaca, *Diana* abalroou um parcel que não constava da carta náutica. Quando ela se livrou do parcel, o capitão e os nove tripulantes tentaram reconduzi-la a Malaca. Mas, subitamente, *Diana* foi a pique, levando com ela o capitão e dois tripulantes.

Para Dorian, *Diana* parecia perfeita. Além de estar perto de casa, na costa oeste da Malásia, a apenas três horas de distância de carro ao norte de Cingapura, tinha nome romântico e adorável, e também carga que potencialmente valia milhões.

Dirigiu até Tanjung Bidara, aldeia de pescadores malaios mais próxima do suposto local do naufrágio. Contratou ali o pescador Roslan bin Daud para que o levasse até Batu Besar, ou “Diana Rock”, assim denominado porque os respeitadíssimos registros de navegação de Horsburgh, datados de 1855, afirmavam tratar-se do parcel com o qual *Diana* havia colidido.

Enquanto o barco a motor circundava de forma indolente as rochas, Dorian percebeu que eram grandes demais para terem sido ignoradas pela tripulação de *Diana*. Orientou Roslan para navegar 1,6 quilômetro ao sul, a um parcel conhecido como Karang Lintang. Achava que aquelas eram as pedras submersas mencionadas no relato do primeiro-piloto sobre o nau-

frágio. O parcel não constava de mapas da época e praticamente não podia ser visto. *Diana* talvez tenha conseguido navegar após o choque.

Certo de poder encontrá-la, decidiu utilizar o dinheiro da *Geldermalsen* na busca. Após longos atrasos, sua licença de resgate foi aprovada em 3 de agosto de 1991. “Agora é pra valer”, disse a Deirdre.

DORIAN E A TRIPULAÇÃO rebocavam um magnetômetro e uma sonda acústica lateral cobrindo uma área de 16,2 quilômetros quadrados ao redor de Karang Lintang, mergulhando para verificar alvos promissores. Mas tanto a embarcação alugada como os equipamentos de pesquisa eram antigos e os atrasos, freqüentes. A dragagem na construção de uma refinaria de petróleo nas proximidades levantara sedimento, reduzindo a visibilidade e tornando o mergulho perigoso. Depois de um mês de buscas infrutíferas, a tripulação de Dorian desistiu. “Ela jamais será encontrada”, afirmou o gerente do projeto.

Dorian estava agora desfalcado de 25 mil dólares, sem qualquer resultado para mostrar. Reduzindo a escala de sua operação, alugou equipamento de pesquisa e arrendou o barco a motor de três metros de Roslan. Um amigo mergulhador juntou-se a ele, trabalhando “a risco”. Aceitando os resultados negativos da primeira pesquisa, concentrou-se nas águas que circundavam Batu Besar. Durante dois meses e meio, até o final de fevereiro, permanecia no mar nove horas por dia, expandindo gradualmente a área de busca.

Dia após dia, Roslan arrastava o magnetômetro cilíndrico e cinzento ao longo da grade imaginária sobre o fundo do mar, numa profundidade de 30 a 40 metros. O instrumento detectava ferro apenas à distância de 20 metros. Varrer de modo metódico aquela imensa extensão do oceano era tarefa desanimadora.

Além disso, era necessário cuidadosa atenção para manter o *mag* próximo ao fundo, porém longe de pedras que poderiam danificá-lo. Dorian vigiava o traçado da sonda acústica, que revelava a topografia do fundo do mar, enquanto observava o traçado do magnetômetro, procurando um “ponto” que revelaria a âncora ou o canhão de *Diana*. Mas as “ondas” de areia que se acumulavam no fundo em consequência do movimento da água eram interrompidas apenas por ocasional afloramento de coral, que poderia mascarar o naufrágio. Passavam-se horas enquanto estudava cuidadosamente os gráficos. Quando seus olhos se embaçavam, sacudia a cabeça para despertar e começava tudo de novo.

O restante daquele ano foi consumido por uma série de pesquisas infrutíferas. Gastou 40 mil dólares no aluguel de um barco maior, depois retornou ao barco a motor de Roslan. Nem sinal de *Diana*. No Natal, seu pai, por telefone, aconselhou-o: “Não seja tolo. Invista o dinheiro da *Geldermalsen* em ações.” Como sempre, o escárnio do pai serviu apenas para redobrar seus esforços. Outra vez, alugou barco maior, porém o mau tempo o perseguiu e seu amigo mergulhador desistiu.

“Acho simplesmente que ela não



Acima: a área pesquisada por Dorian chegou a 28 milhas náuticas.
 À direita: Diana ancorada

está pronta para ser encontrada”, comentou com Dorian.

Está sim, pensou Dorian ao voltar a Cingapura – viagem de 12 horas de barco. Quer apenas assegurar-se de que sou digno dela. Por volta da meia-noite uma tempestade desabou. As ondas vergaram o casco e romperam o eixo da hélice. A chuva forte cegou o radar. Enquanto o barco se arrastava para o porto de Cingapura por volta de meio-dia, Dorian sentiu-se afortunado por estar vivo.

No final de 1992, o dinheiro da *Geldermalsen* havia acabado e os Ball passavam por dificuldades. Quando Devona, 4 anos, foi atropelada, o segu-



ro-saúde cobriu a conta do hospital. Mas temiam a possibilidade de serem obrigados a tirar os dois filhos mais velhos da escola por falta de dinheiro para as mensalidades.

A pressão cobrava alto preço à Deirdre. Precisando trabalhar horas

extras para receber os bônus de que a família tanto necessitava, passou a sofrer de enxaquecas. A antiga úlcera voltou a incomodá-la e começou a perder peso. Ainda assim, acreditava que o marido encontraria *Diana*. Dorian negociou troca de dados com a companhia petrolífera que construía a refinaria. De posse de informações detalhadas sobre correntes e condições meteorológicas, concluiu que na manhã em que *Diana* afundou sopravam ventos do leste.

Ela teria se afastado da costa, e não retornado diretamente a Malaca, pensou. Segundo ele, o navio estaria em Karang Lintang, onde havia conduzido a primeira pesquisa. No entanto, nada podia fazer até arranjar mais dinheiro.

Dorian passou horas ao telefone tentando entrar em contato com ricos homens de negócios em Cingapura e na Malásia que, eventualmente, poderiam investir no projeto. Sem nada conseguir, aguardava nas salas de recepção, na esperança de obrigá-los a escutar. As recusas eram, com frequência, humilhantes. Um possível investidor, ao se negar, acrescentou: “É importante que cada um conheça as próprias limitações.” O comentário serviu apenas para que Dorian aumentasse os esforços.

Em junho, depois de curta enfermidade, o pai de Dorian morreu. Sentiu-se fracassado: durante toda a vida vinha tentando mostrar-se capaz aos olhos do pai.

Certa noite naquele verão, insone, ficou olhando pela janela. *Se não conseguir encontrar Diana, Deirdre pode*

me culpar, com toda razão, por haver arruinado sua vida. Além disso, mal estou acompanhando o crescimento de meus filhos. Por que estou fazendo isso?

Embora os pensamentos o torturassem, sabia que não poderia desistir. Aos 48 anos, faltava-lhe coragem para recomeçar. Além do mais, *Diana* parecia parte dele, pois a desenterrara dos arquivos e conhecia mais a seu respeito do que qualquer outra pessoa. Pertencia-lhe.

NO ESCRITÓRIO do arranha-céu em Kuala Lumpur, Roger Tyler, inglês alto, escutava a proposta de Dorian. Era exatamente o tipo de projeto em que seu clube de investimentos estaria interessado. Quando Dorian retornou para apresentar seus planos de resgate aos 15 membros do clube, viu no brilho dos olhos e no entusiasmo dos investidores que os havia convencido.

Duas semanas depois, Tyler ligou. “Você conseguiu dez investidores e 70 mil dólares”, disse a Dorian. “Garanti ao consórcio que a quantia será o suficiente para 60 dias de pesquisa. Se encontrar *Diana*, vamos levantar 300 mil dólares para o resgate.” Os Ball ficaram extasiados.

Dorian comprou o barco de pesca *Seawolf* de 9,1 metros e equipou-o com sofisticado equipamento de pesquisa. Mas novamente atrasos o perseguiram. Consertos esgotaram o investimento do consórcio. E após um mês só haviam pesquisado durante dez dias. Tyler, descontente com a falta de progresso, comunicou a Dorian de forma categórica que não receberia mais

dinheiro. Deirdre também estava perdendo a paciência.

– Dorian – disse ela. – Estou ficando sem energia. Se não encontrar *Diana* até o Ano Novo chinês, vai ter de desistir!

Dorian cerrou os olhos. Isso lhe dava dez semanas. Já havia exigido demais de Deirdre.

– Está bem – concordou. – Desisti-rei então.

Mas prometeu a si mesmo que antes encontraria *Diana*. Decidiu aproveitar cada minuto. Contratou o mergulhador Richard Thomas “a risco” e, em dois dias, treinou-o na utilização do equipamento. Estabeleceu programa de trabalho de 24 horas. Richard, com Roslan, o capitão do *Seawolf*, fazia as buscas das 7 às 19 horas, e Dorian ficaria com o turno da noite junto com Ramli, pescador da região.

ANTES DO AMANHECER do dia 21 de dezembro de 1993, Ramli fez o *Seawolf* mudar rapidamente de direção para retomar a pesquisa.

Dorian estava tenso. *Diana* estava nas proximidades; tinha de estar. Quando ele inspecionara a área que circundava Ka-

rang Lintang na primeira pesquisa, foi prejudicado pela inexperiência e pelo equipamento ruim. No entanto, suas dez pesquisas seguintes haviam sido cada vez mais meticulosas. Abaixo do convés principal, Dorian assumiu seu posto frente ao monitor e preparou-se mentalmente para a tediosa tarefa que o esperava. Ligou o botão da impressora. De imediato as leituras do magnetômetro saltaram para dez vezes acima do normal. Era a leitura mais alta que já tinha visto. A julgar-se pelos picos no traçado do papel, a sonda estava exatamente sobre uma enorme massa de ferro.

A princípio, ficou chocado; mas logo grande calma se apoderou dele.

Encontrei Diana!, pensou.

Equipou-se para mergulhar. Embora fosse perigoso mergulhar sozinho à noite, nada o fazia esperar até o amanhecer.

Atirou ao mar um pe-

Dorian e Deirdre Ball exibem porcelanas encontradas em *Diana* e o catálogo do leilão



so de concreto amarrado à bóia branca de marcação. Às 5 horas – por volta da hora em que Diana mergulhou para sua sepultura em outro século –, Dorian foi descendo pelo cabo.

A visibilidade não passava de 15 centímetros. Percebeu que atingira o fundo quando seu braço direito se chocou contra o bloco de concreto.

Foi então que se deparou com a visão maravilhosa: junto ao bloco, presas sobre alguns centímetros de sujeira, enfileiradas como pratos secando junto à pia, havia uma dúzia ou mais de travessas em branco e azul perfeitamente preservadas.

São tão lindas, pensou, invadido por orgulho radiante.

Ficou observando-as. Soltou três travessas e começou a subir.

De volta ao barco, gravou na memória dos instrumentos as coordenadas de *Diana* antes de rumarem para a terra.

Ao atravessar a praia a caminho da casa de Rolan para entrar em contato com Deirdre, Dorian pensou: *Gosta-*

ria de que meu pai estivesse vivo para presenciar este dia.

– Alô – atendeu apressadamente Deirdre enquanto escovava os cabelos de Devona.

Era manhã atribulada e ainda tinha de vestir-se para o trabalho.

– Só uma pergunta – brincou Dorian. – O que você quer de presente de Natal?

– Como? – perguntou, exasperada.

– Encontramos *Diana*.

– Não consigo acreditar! – gritou.

EM MARÇO DE 1995, a carga de *Diana*, composta de 24 mil peças, foi vendida em leilão por 3,5 milhões de dólares. Aproximadamente a terça parte coube aos Ball. Dorian está trabalhando em seu próximo projeto de resgate.

Depois do leilão, Darren Ball, 9 anos, escreveu um relatório escolar sobre a busca de *Diana*. Suas palavras finais: “Meu pai nos mostrou que os sonhos podem realmente tornar-se realidade.”



Palavra de escoteiro!

EM RECENTE REUNIÃO na Califórnia do Clube dos Escoteiros, o chefe sugeriu que trocassem correspondência com alguém na Bósnia. Um dos escoteiros mais jovens perguntou:

– O que é trocar correspondência?

– Bem, é parecido com correio eletrônico – respondeu outro garoto. – Só que você tem de usar lápis e papel.

Citado por Herb Caen em San Francisco Chronicle

AO RETORNAR DE UM acampamento de escoteiros, perguntei ao meu sobrinho, geralmente difícil de agradar, o que gostaria de comer.

– Qualquer coisa que não tenha caído no chão – disse ele.

Mary Harward